

**A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ALFABETIZAÇÃO CORPORAL: CRÍTICA AO  
ANALFABETISMO MOTOR E À FRATURA COGNITIVO-CORPORAL NA INFÂNCIA  
CONTEMPORÂNEA**

**PHYSICAL EDUCATION AS PHYSICAL LITERACY: A CRITIQUE OF MOTOR ILLITERACY  
AND THE COGNITIVE-BODILY FRACTURE IN CONTEMPORARY CHILDHOOD**

 <https://doi.org/10.63330/armv2n8-004>

Submetido em: 17/08/2026 e Publicado em: 21/08/2026

ARM: e262148

**Marco Antônio Teixeira de Paula**

Mestrando em Teologia, Faculdades EST, Brasil

E-mail: marcodepaula137@gmail.com

**Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula**

Mestranda em Teologia, Faculdades EST, Brasil

E-mail: silviaclicia@gmail.com

**Resumo**

O presente artigo analisa a crise contemporânea do movimento humano na infância, caracterizada pela progressiva perda ou fragilidade de habilidades motoras fundamentais e por um agudo analfabetismo motor. Parte-se da observação empírica de que crianças de diversas faixas etárias apresentam severas dificuldades em realizar ações corporais básicas como sustentar-se em um pé só, correr de costas, deslocar-se no sentido oposto ao comando ou coordenar lateralidades, evidenciando uma ruptura entre o plano cognitivo abstrato e a execução corporal concreta. Objetiva-se fundamentar a Educação Física Escolar como um processo sistemático de alfabetização e letramento corporal, essencial para a emancipação em sua integralidade das pessoas. A metodologia ancorou-se em uma pesquisa bibliográfica de natureza crítico-analítica, dialogando com autores contemporâneos da Educação Física, da Antropologia do Corpo e da Pedagogia Crítica. Conclui-se que a superação da alienação motora exige o abandono de práticas meramente previsíveis em teor recreativo ou esportivas, reconfigurando o professor de Educação Física como mediador da decodificação do gesto e da reconstrução da consciência corpórea.

**Palavras-chave:** Alfabetização Corporal; Analfabetismo Motor; Corporeidade; Educação Física Escolar; Relação Cognição-Ação.



## Abstract

This article analyzes the contemporary crisis of human movement in childhood, characterized by the progressive loss or fragility of fundamental motor skills and acute motor illiteracy. It stems from the empirical observation that children across various age groups face severe difficulties in performing basic bodily actions—such as balancing on one foot, running backward, moving in the opposite direction of a command, or coordinating laterality—highlighting a rupture between the abstract cognitive plane and concrete bodily execution. The objective is to ground School Physical Education as a systematic process of physical literacy, essential for the holistic emancipation of individuals. The methodology was anchored in critical-analytical bibliographic research, engaging in dialogue with contemporary authors in Physical Education, the Anthropology of the Body, and Critical Pedagogy. It concludes that overcoming motor alienation requires abandoning merely predictable recreational or strictly sports-focused practices, reconfiguring the Physical Education teacher as a mediator in decoding gestures and reconstructing bodily consciousness.

**Keywords:** Cognition-Action Relationship; Corporeality; Motor Illiteracy; Physical Literacy; School Physical Education.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vivencia uma contradição pedagógica e ontológica sem precedentes. Ao mesmo tempo em que se maximizam os discursos sobre desenvolvimento integral, neurociências e metodologias ativas, observa-se nas escolas um visível atrofiamento da experiência corporal das crianças. O cotidiano escolar e doméstico, hiperconectado e crescentemente sedentário, tem confinado os corpos a posturas estáticas, restringindo a motricidade a gestos minúsculos de navegação em telas digitais. Como consequência direta, professores de Educação Física deparam-se diariamente com turmas inteiras incapazes de executar ações motoras básicas que, em gerações anteriores, constituíam o repertório espontâneo do brincar comunitário.

A problemática central deste estudo nasce dessa constatação empírica: crianças e adolescentes falham em equilibrar-se em um único apoio, tropeçam ao tentar correr em marcha à ré, desorientam-se diante de comandos de inversão espacial e demonstram profunda confusão na coordenação entre direita e esquerda. Não se trata de uma deficiência orgânica individual, mas de um sintoma social de alienação corpórea. Há uma fratura estrutural entre a concepção abstrata do movimento (o saber cognitivo, verbal ou visual) e a sua tradução concreta (o fazer corporal). A criança entende conceitualmente a ordem de recuar ou mudar de direção, contudo o seu corpo não responde com precisão, revelando um profundo desconhecimento de sua própria estrutura somática.



Frente a esse cenário, torna-se imperativo problematizar o papel da Educação Física Escolar. Longe de ser um momento de mero desafogo da rotina de sala de aula ou um contexto de adestramento esportivo seletivo, o componente curricular precisa ser redefinido sob o conceito de Alfabetização Corporal. Assim como a alfabetização linguística ensina a pessoa a decodificar letras, formar palavras e ler o mundo criticamente, a alfabetização corporal deve ensinar as pessoas a decodificarem o próprio corpo, dominar a gramática do movimento e da interação com o espaço e com o outro de forma consciente e emancipada.

Este artigo estrutura-se em quatro eixos analíticos fundamentais: o diagnóstico da amnésia corpórea e do analfabetismo motor na era digital; a desconstrução do dualismo cartesiano que separa cognição de ação; as bases pedagógicas e epistemológicas da alfabetização corporal; e o papel político-pedagógico do professor como mediador desse processo emancipatório.

## **2 A AMNÉSIA CORPÓREA E A HIPERTROFIA DO ABSTRATO: DIAGNÓSTICO DO ANALFABETISMO MOTOR NA INFÂNCIA DIGITAL**

A infância contemporânea sofre de uma acentuada restrição do espaço existencial. O enclausuramento urbano, a insegurança das cidades e a mediação ostensiva por dispositivos eletrônicos confinaram o corpo infantil ao plano bidimensional das telas e seus derivados tecnológicos. Conforme pontua Le Breton (2003), a modernidade promoveu um desenraizamento do corpo, no qual a experiência sensorial direta com o mundo físico é continuamente substituída pela simulação virtual. Produz-se, assim, uma incongruência no desenvolvimento humano: uma hipertrofia do estímulo visual e abstrato acompanhada por uma densa atrofia da propriocepção, do equilíbrio e da coordenação motora ampla.

O fenômeno do analfabetismo motor manifesta-se quando a criança perde a capacidade de ler e responder às exigências do ambiente físico com eficácia motora. As principais manifestações dessa síndrome contemporânea compreendem:

- **Dissociação Cognitivo-Corporal:** A criança compreende verbalmente a instrução, mas não consegue traduzi-la em execução motora eficiente. (Freire, 2009, p. 35-38).
- **Déficit Proprioceptivo:** Incapacidade de reconhecer a posição do próprio corpo no espaço, resultando em perdas frequentes de equilíbrio estático e dinâmico. (Le Boulch, 1992, p. 89-92).
- **Desorientação Espacial Complexa:** Dificuldade acentuada em realizar movimentos de reversão, como a marcha à ré ou alterações bruscas de trajetória, ou simples mudanças de direção que o corpo necessita realizar para superar barreiras presentes no cotidiano social. (Fonseca, 1995, p. 112-115)



- **Imaturidade na Lateralidade:** Confusão prática e vivenciada entre os eixos de direita e esquerda, revelando que o esquema corporal não foi consolidado. (Fonseca, 1995, p. 140-143; Le Boulch, 1992, p. 105).

A escola tradicional agrava esse quadro ao reiterar o modelo da pedagogia do corpo silenciado ou interdito. O aluno ideal continua sendo aquele que se mantém imóvel, sentado por fileiras seguidas de lapsos temporais densos, contendo a motricidade como se o corpo fosse um obstáculo ao aprendizado intelectual. Ao reprimir o movimento, a instituição escolar contribui para a amnésia corpórea: a criança esquece como mover-se com fluidez, segurança e expressividade, convertendo-se em um analfabeto motor.

### **3 A RUPTURA COM O DUALISMO CARTESIANO: A NECESSÁRIA TRADUÇÃO DO ABSTRATO PARA O CONCRETO**

Para compreender a impossibilidade de a criança transpor o conhecimento abstrato em ação corporal concreta, torna-se indispensável enfrentar o mito fundador da racionalidade moderna ocidental: o dualismo cartesiano. Ao cindir a experiência humana em duas instâncias ontologicamente separadas a *res cogitans* (a substância pensante) e a *res extensa* (a substância corpórea), Descartes (1991) inaugurou um paradigma epistemológico que colocou a razão abstrata em posição de soberania absoluta, reduzindo a dimensão somática a uma máquina biológica subordinada e instrumental. No campo educacional, essa divisão histórica cristalizou a falsa e persistente premissa de que a cognição se desenvolve de forma isolada do corpo. Consolidou-se, assim, uma concepção mecanicista segundo a qual a mente opera como o único repositório de conceitos e significados, cabendo ao corpo apenas a função passiva de receptáculo ou de veículo mecânico de transporte.

Contudo, contrário a essa herança dualista, João Batista Freire (2009) adverte que na infância não existe mente dissociada do corpo, uma vez que toda construção cognitiva emerge visceralmente da ação motora vivenciada. Os conceitos espaciais e relacionais mais fundamentais como "direita" e "esquerda", "frente" e "trás", "oposto" e "inverso" não são assimilados pela criança mediante a simples exposição teórica verbalizada no quadro-negro ou em telas bidimensionais. A apreensão dessas categorias ocorre quando o organismo somático vivencia o deslocamento, a queda, o desequilíbrio e a reorientação no espaço físico (Freire, 2009, p. 31-35). Quando a instituição escolar restringe as pessoas estudantes da experimentação motora diversificada e desafiadora, ela rompe a ponte epistemológica que conecta a estrutura cognitiva abstrata à sua manifestação concreta no mundo, inviabilizando a transposição do saber para o fazer.

A superação dessa fratura exige um confronto direto entre o paradigma cartesiano-tradicional e a perspectiva da corporeidade integrada. Onde a visão cartesiana reduz o corpo a um instrumento funcional e compreende a aprendizagem como mero acúmulo conceitual e memorização passiva, o paradigma da corporeidade integrada afirma a pessoa como sujeito holístico, cuja presença ativa no mundo se manifesta



como linguagem viva e práxis transformadora. Sob essa ótica, o movimento humano deixa de ser interpretado pela chave reducionista da recreação, do mero gasto energético ou do adestramento esportivo padronizado, alçando-se ao status de matriz da alfabetização corporal e de intervenção consciente no espaço social. Do mesmo modo, o erro motor deixa de ser diagnosticado como falta de aptidão biológica, limitação individual ou indisciplina, passando a ser compreendido criticamente como sintoma de analfabetismo motor decorrente de um histórico de privação de vivências corporais.

Por conseguinte, a incapacidade do estudante em traduzir ordens abstratas em respostas motoras precisas revela uma falha estrutural na interiorização do esquema e da imagem corporal. A criança compreende a mecânica da ação no plano puramente intelectual ou visual porque a observou, contudo, seu sistema neuromotor, privado da práxis acumulada, carece do lastro proprioceptivo e da memória somática indispensáveis para executar o gesto com fluidez e coordenação. É precisamente para reparar essa assimetria que se torna urgente uma epistemologia da corporeidade, na qual o corpo deixa de figurar como obstáculo ao aprendizado intelectual para ser reconhecido como a matriz fundante e o ponto de partida inequívoco de todo o pensamento e da ação humana emancipada.

#### **4 O ENTRELAÇO PEDAGÓGICO DA ALFABETIZAÇÃO CORPORAL: DO GESTO PRIMÁRIO À CONSCIÊNCIA MOTORA**

Se no processo de alfabetização linguística a pessoa se apropria de fonemas e grafemas para decodificar a palavra e construir a leitura crítica da realidade, a alfabetização corporal utiliza as habilidades motoras elementares representadas pelos eixos da estabilização, da locomoção e da manipulação para estruturar a leitura do mundo por meio da gestualidade consciente. Longe de reduzir-se ao adestramento mecanicista focado na execução de gestos técnicos padronizados, a alfabetização corporal constitui um processo pedagógico intencional, voltado ao desenvolvimento da consciência somática, permitindo que a pessoa estudante domine a gramática dos espaços e movimentos, intrínseca do próprio corpo. Sob uma cosmovisão e relativando as premissas epistemológicas, pode-se compreender que a leitura do corpo e do espaço precede ontologicamente a leitura da palavra escrita, constituindo a base sobre a qual se ergue toda a apreensão do conhecimento. Para isso, compreende-se que se deve ter uma visão humanista do currículo, colocando o ser humano no centro do processo educacional, valorizando não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também os aspectos emocionais, sociais e morais dos indivíduos (Dantas et al., 2025, p. 9).

Esse percurso pedagógico alfabetizador desdobra-se em dimensões articuladas que conectam a percepção física mais elementar à expressão cultural complexa. Inicia-se pela decodificação proprioceptiva, momento em que a pessoa estudante desenvolve o reconhecimento dos limites, apoios, articulações e do equilíbrio corporal, aprendendo a mensurar o próprio peso e a regular as variações de tensão muscular exigidas pela ação. Dessa percepção primária, a práxis pedagógica avança para a morfologia do



deslocamento e da orientação espacial, na qual a exploração de vetores de movimento como a marcha à ré, as diagonais e as inversões de sentido transformam o contexto de um vazio neutro em um campo dinâmico de intenções e interações. Em seguida, a estruturação motora requer o domínio da sintaxe da coordenação intersegmentar, integrando comandos complexos que demandam a dissociação de cinturas, o controle rítmico e o refinamento da lateralidade cruzada. Desta maneira, esse arcabouço atinge a semântica e a expressividade motora, etapa em que o gesto consciente é ressignificado na vivência dos jogos, das lutas, das danças, das ginásticas e das brincadeiras, conferindo sentido social, ético e estético às práticas corporais.

A consolidação desse itinerário garante que a pessoa estudante ultrapasse a mera execução mecânica e alcance o estado de letramento corporal. Sob essa perspectiva, o letramento corporal não se restringe às métricas de rendimento ou à aptidão física estritamente biológica, mas expressa uma conquista existencial caracterizada pela confiança somática, pela motivação intrínseca, pela compreensão crítica e pela valorização do movimento como dimensão constitutiva da vida humana. Trata-se, portanto, de munir as pessoas sociais de uma autonomia motora que o perpetua como ser ativo e reflexivo na fruição da cultura corporal ao longo de toda a sua trajetória existencial.

## **5 SUBVERSÃO E PRÁTICA EMANCIPATÓRIA: O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEDIADOR DA DECODIFICAÇÃO MOTORA**

Diante do diagnóstico de analfabetismo motor e de alienação corpórea na infância contemporânea, a atuação do professor de Educação Física demanda o abandono definitivo de qualquer postura assentada na passividade, no entretenimento desprovido de intencionalidade ou na reprodução acrítica de regras do desporto. A pessoa docente não pode figurar como mero organizador de momentos recreativos ou instrutor de técnicas mecânicas; ele se afirma como um mediador pedagógico da decodificação motora, cuja missão primordial é desafiar a pessoa estudante a ultrapassar as barreiras do desconhecimento e da inibição somática. Essa mediação crítica fundamenta-se na provocação intencional da zona de desenvolvimento proximal do educando (Vygotsky, 2008, p.127–129), intervindo precisamente na lacuna entre aquilo que a criança realiza de forma incipiente e os níveis superiores de coordenação e consciência que ela pode alcançar mediante mediação qualificada de alguém com mais maturação.

O fluxo dessa mediação pedagógica desenvolve-se como um continuum reflexivo integrado, articulado em quatro momentos metodológicos fundamentais. O processo inicia-se com a instrução e provocação inicial, etapa na qual a pessoa docente apresenta o desafio conceitual e espacial de forma problematizadora, instigando o raciocínio e a atenção. Segue-se a experimentação proprioceptiva, em que a criança vivencia corporalmente o movimento, confrontando suas limitações imediatas e buscando o ajuste somático autônomo. Nesse processo, ocorre a mediação e desdobramento, momento em que o(a) professor(a) intervém diretamente por meio de pistas proprioceptivas, ajustes posturais e correções



intencionais, mantendo o nível de exigência sem simplificar excessivamente a complexidade do desafio motor, nem tampouco deixar de levar em consideração o processo empírico de cada pessoa discente. O ciclo culmina na conscientização da práxis, quando a pessoa estudante internaliza a mecânica do seu próprio corpo e compreende o sentido da ação executada, convertendo o conceito espacial abstrato em conduta motora concreta, autônoma e fluida.

Dessa forma, a prática da Educação Física redefinida como alfabetização corporal assume um caráter profundamente subversivo, dinamizador e emancipatório. Em uma organização social que prioriza a docilização dos corpos, a passividade sedentária e o enclausuramento no consumo digital, ensinar uma criança a operacionalizar e dominar o seu próprio esquema corporal, a ocupar o espaço físico com segurança e a mover-se com soberania constitui um ato político de libertação pedagógica. Restitui-se à infância, por meio da intervenção docente rigorosa e amorosa, o direito inalienável à existência encarnada, consciente e em pleno movimento no mundo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de que crianças contemporâneas desconhecem os limites e as capacidades do próprio corpo é o sintoma de uma crise educacional e social profunda. A incapacidade de transladar comandos abstratos em ações corporais concretas revela que a escola e a família falharam em proporcionar momentos experienciais das contextualizações motoras essenciais para a estruturação do ser humano.

Defender a Educação Física como alfabetização corporal significa resgatar a dignidade da motricidade humana no contexto escolar. O movimento não é um apêndice secundário do pensamento, mas a sua forma primária de manifestação no mundo. Quando a criança aprende a equilibrar-se, a inverter direções, a coordenar lados e a ler o espaço com a sua presença, ela não está apenas desenvolvendo músculos ou articulações; ela está construindo a sua identidade, a sua autonomia e a sua capacidade de agir no mundo de forma crítica e consciente.

Conclui-se que a superação do analfabetismo motor exige um compromisso ético e epistemológico de toda a comunidade escolar. É urgente reformular os currículos de Educação Física, superando tanto o esportivismo alienante quanto a recreação sem intencionalidade pedagógica. Somente por meio de uma intervenção docente crítica, rigorosa e pautada no letramento corporal será possível restituir às futuras gerações o domínio sobre o seu bem mais fundamental: o seu próprio corpo.

## REFERÊNCIAS

DANTAS, Jéssica Rodrigues et al. Considerações acerca da educação formal, tradicional e humanista. **Cuadernos de Educación y Desarrollo-QUALIS A4**, v. 17, n. 4, p. e7991-e7991, 2025.



DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

FONSECA, Vitor da. **Manual de observação psicomotora**: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor**: do nascimento até os 6 anos. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.